
ENUNCIÇÃO

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRRJ

Notas sobre a linguagem técnica

Notes on technical language

Écio E. Pisetta *

 <https://orcid.org/0000-0002-1735-6893>

Resumo: O texto tem como objetivo imediato apresentar a linguagem técnica vinculada ao moderno projeto da natureza bem como a dinâmica deste projeto e seus limites. Na esteira do tema outros aspectos pertinentes serão levantados: a vinculação da linguagem à vida, o predomínio da cibernética, a ciência como provocação da natureza, a interpretação instrumental e antropológica da técnica, a estrutura oculta da realidade.

Palavras-chave: Linguagem, informação, filosofia, ciência, educação.

Abstract: *The text has as an immediate objective to present the technical language linked to the modern project of nature as well as the dynamics of this project and its limits. In the wake of the theme, other pertinent aspects will be raised: the linking of language to life, the predominance of cybernetics, science as a provocation of nature, the instrumental and anthropological interpretation of technique, the hidden structure of reality.*

Keywords: *Language, information, philosophy, science, education.*

Aprender é colocar a nossa conduta em correspondência com aquilo que nos exorta em cada ocasião para o essencial (HEIDEGGER, 1995, p.4).

A linguagem e a vida são uma coisa só (ROSA, J. G. – Entrevistado por Günter Lorenz, 1965).

*Professor na faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Membro dos grupos de pesquisa GEFONT – grupo de estudos de filosofia e ontologia da natureza e INTERFACES – técnica, arte e questões ético-políticas no pensamento contemporâneo.

Considerações iniciais

O que nos motiva diz respeito à linguagem. *Que é a linguagem?* Qualquer esforço de resposta deve contar antecipadamente com a própria linguagem, o que nos coloca numa relação circular com o fenômeno. Neste caso, contar com a própria linguagem não significa a presença de algum conceito ou pressuposição universal ainda não clarificada. A pressuposição remete antes a uma relação essencial ou vital, a um caminho onde dizer e ser se espelham mutuamente. A resposta consiste na possibilidade de se fazer a experiência da linguagem e de sermos por ela afetados. Como resultado de tal esforço o pesquisador será (talvez) reposicionado em seu ponto de partida. Pretendemos, então, em nossa aventura (re) encontrar a linguagem técnica – a informação –, o que pressupõe o cultivo de uma suspeita. Trata-se, antes de qualquer coisa, de um exercício de visualização que mostra a dinâmica da linguagem técnica (uma possibilidade de linguagem) e a linguagem enquanto questão. De fato, contamos com a problemática da linguagem como quem conta com uma escada para elevar-se e, assim, visualizar melhor o que está em jogo – por exemplo – na linguagem técnica. Procuramos seguir a indicação de Heidegger: “*Sagan* [falar, dizer] significa mostrar. E que significa mostrar? Significa fazer ver e entender qualquer coisa, levar uma coisa a aparecer”¹. Mas não é uma contradição, levar algo como a linguagem técnica a aparecer? Já não está suficientemente visível? Embora algo como a linguagem técnica nos seja familiar, longe estamos de sua adequada compreensão. Para ela nos dirigimos e, a partir dela – como num salto qualitativo –, nos aproximamos do fenômeno da linguagem ou da vida. A linguagem técnica não se explica tecnicamente. Sua funcionalidade bloqueia a possibilidade de uma admiração. O que resulta deste esforço é um ensaio inconcluso, mas que nos permite encontro possível com o fenômeno em questão.

Pois bem, estamos tão acostumados e presos às teias da informação que ela própria não se oferece como pergunta séria. Existem outras e prementes dificuldades que dizem respeito à sua produção, distribuição, consumo, ao retorno dos resultados alcançados (*feedback*) com vistas ao aprimoramento dos sistemas. Estas urgências mostram-se a partir da constatação de que a realidade ainda não foi suficientemente convertida em informação,

¹HEIDEGGER, M. *Língua de tradição e língua técnica*. Lisboa: Vega, 1995, p. 34.

mas deverá sê-lo. Usamos, neste contexto, o termo “informação” em seu sentido operativo e aplicável a qualquer sistema informacional, mecânico, orgânico ou outro, e que diz respeito à construção e ao aperfeiçoamento de algum sistema. Neste sentido, o termo não carrega sentido duradouro. É em relação a um sistema determinado que a informação é produzida, distribuída, consumida e aperfeiçoada gerando novos arranjos. Numa tal abstração não interessa mais, a rigor, *o que* diz a informação como um conteúdo universal, mas, antes *como* se diz, como dá forma ou como apresenta (representa) a vida. Há o problema do aperfeiçoamento crescente da realidade como informação e a necessidade de renovação constante das etapas envolvidas, o que abarca consumidores, veículos de informação, máquinas de codificação e decodificação, criação de novos sistemas, disponibilização de energia e de canais que a distribuem, etc. Sob este ponto de vista utilitarista é coisa problemática quando a informação não nos chega, quando sua produção, distribuição e consumo é ineficiente. Mas, assim, não chega a tornar-se verdadeiro problema nem a ideia de informação ali constituída e nem o projeto ou programa da natureza (realidade) que ampara este modo dominante de vida. Nos falta distância para suspeitar da experiência da funcionalidade, do que acontece quando tudo funciona! As dificuldades são normalmente de ordem técnica e funcional, econômica, política, sociológica, psicológica, pedagógica, etc., dificuldades que podem ser superadas pelo aperfeiçoamento dos sistemas. Também não nos falta uma abordagem ontológica da linguagem técnica (informação), pois uma demanda desta espécie tornou-se obsoleta. No entanto, para compreendermos o sentido da dispensa aludida precisamos de alguma ontologia. Diante deste cenário, nos organizamos como segue: (1) Notas sobre o projeto moderno da natureza; (2) O projeto como intimação provocante; (3) Intimação provocante e linguagem técnica; (4) A linguagem técnica (os meios) como fundamento da realidade; (5) Considerações finais.

Notas sobre o projeto moderno da natureza

Nossa existência no mundo está atravessada pelo modo de ser da modernidade. Esta situação nos fornece a paisagem onde se desdobra a atual concepção de vida que, ao mesmo tempo, é responsável pelo acobertamento de seu sentido. A situação efetiva traz consigo

algo de oculto e não tematizado, ou seja, o caráter possível de toda vida e este aspecto de ser tão só possibilidade ou “invenção”. Precisamos educar nosso olhar para observar a tendência de nosso tempo onde se inserem as técnicas da informação e a ideia de vida, de programa vital ou projeto em curso a que servem todos os esforços. Destacamos a modernidade como uma possibilidade, subjacente a diversas atividades que se desenvolvem, ampliando sua compreensão e efetivando suas promessas. A modernidade corresponde a um programa de vida ou ideia de existência prévia que, por sua vez, orienta o pensar e o fazer de modo característico. A este respeito nos fala Ortega y Gasset em sua *Meditação sobre a técnica*:

(...) A técnica não é, a rigor, o primeiro fenômeno. Ela vai idealizar e executar a tarefa que é a vida; vai conseguir obter, numa ou noutra medida limitada, está claro, que o programa humano se realize. Mas, por si só ela não define o programa; quero dizer que a técnica não é preestabelecida a finalidade que ela deve alcançar. O programa de vida é pré-técnico.²

A pergunta pelo modo como a modernidade realiza a existência humana no mundo possui primazia ontológica sobre todas as efetividades. Mas isto não significa que o programa ou projeto esteja às claras. Desta maneira é vital termos em mira: o que está em curso no projeto moderno da natureza? Em seus inícios, de forma embrionária e, hoje, manifesto também nas técnicas da informação? Isto, que está em curso, nos revela o projeto ou programa vital.

O ser humano, de modos distintos, sempre buscou adaptar a natureza para si. A vida humana está sempre às voltas com a resistência oferecida pelo entorno natural (social e individual) e recebe seu ritmo vital da estranha condição dessa peleja. Ora, na idade moderna – e como um traço marcante – realizou-se uma mudança no ritmo da vida. De modo simples, sua forma aparece no projeto de Galileu (e dos primeiros cientistas) e na inversão que sua física realiza em relação à anterior (antiga e medieval) por meio da precedência da mente ou razão sobre a natureza. A consequência é que o modo de ser do método inaugurado acabou por ultrapassar o nível restrito da nova ciência, convertendo-se em padrão para todas as ciências por vir e, subterraneamente, para toda a vida humana.

²ORTEGA Y GASSET, J. *Meditação sobre a técnica*. Rio de Janeiro : Instituto Liberal, 1991, p. 36.

O sucesso do projeto moderno deve-se a um modo de pensar distinto que se cristalizou a partir dos primeiros pesquisadores da natureza. Eles notaram que ganhariam muito mais em suas pesquisas se modificassem a abordagem dos fenômenos: não mais correr atrás dos fenômenos, mas organizá-los a partir de um plano da razão ou da mente. É este aspecto imaginativo de uma natureza uniforme concebida como um plano mental e que pode ser aplicado na natureza que tanto atraiu – e atrai – os pesquisadores. Mas como realizar este projeto? Através de um novo método que deve anteceder toda relação primária com os fenômenos. A citação de A. Koyré corrobora esta ideia:

A maneira pela qual Galileu concebe um método científico correto implica uma predominância da razão sobre a simples experiência, a substituição de uma realidade empiricamente conhecida por modelos ideais (matemáticos), a primazia da teoria sobre os fatos. Só assim é que as limitações do empirismo aristotélico puderam ser superadas e que um verdadeiro método *experimental* pôde ser elaborado. Um método no qual a teoria matemática determina a própria estrutura da pesquisa experimental, ou, para retomar os próprios termos de Galileu, um método que utiliza a linguagem matemática (geométrica) para formular suas indagações à natureza e para interpretar as respostas que ela dá. Um método que, substituindo o mundo do mais ou menos conhecido empiricamente pelo Universo racional da precisão, adota a mensuração como princípio experimental mais importante e fundamental. É esse método que, baseado na matematização da natureza, foi concebido e desenvolvido...³

Os momentos do método, acima apresentados, podem ser destacados: (1) um plano mental ou ideal (razão/teoria); (2) a desconsideração da simples experiência; (3) o uso das matemáticas como a linguagem adequada para interrogar a natureza, interpretar suas respostas e fixar seus resultados; (4) a experimentação/comprovação do plano na natureza (prática). Na experimentação a natureza é interpelada a fornecer respostas determinadas, ou seja, é “obrigada a falar (*zur Rede gestellt*). A natureza é obrigada a manifestar-se numa objetividade calculável (Kant)”⁴. A postura destes pesquisadores diante da natureza nunca foi a de “ouvi-la” ou “reconhecê-la” como alteridade constante. Mas, antes de tudo, como juízes que a forcem a responder “sim” ou “não” às perguntas (interpelações) orientadas pelo projeto físico-matemático. No interesse de desenvolver esta nova ciência, o erudito coloca-se a serviço de uma nova possibilidade de existência: o projeto físico-matemático, a

³KOYRÉ, A. “As origens da ciência moderna: uma nova interpretação”. In: *Estudos de História do Pensamento Científico*. Rio de Janeiro : Forense, 2011, p. 77.

⁴HEIDEGGER, M. *Língua de tradição e língua técnica*, p. 25.

possibilidade da natureza se mostrar exclusivamente como relações de forças quantificáveis, passíveis de descrição matemática e, portanto, de melhoramentos e de acúmulo dos resultados para ulteriores experimentações. Graças a esta linguagem, os sucessos podem ser repetidos e confirmados por pesquisadores independentes. Mas por que a linguagem matemática é aplicada à natureza? É linguagem racional, própria para a descrição dos movimentos eternos e repetitivos, não submetida às potências terrenas da geração e da corrupção, por exemplo, constatadas pelos sentidos. Exige treinamento distinto da razão: aprender a não mais dar atenção ao que tece e acontece no âmbito da experiência sensível para aprender a ver de outra maneira, ou seja, aprender a descobrir os códigos da natureza escritos em linguagem geométrica e matemática, como nos ensinou Galileu. Como foi possível que uma natureza ideal se convertesse em modelo para toda realidade natural? Não se alcança uma explicação suficiente observando seu método e as etapas de sua efetivação. Trata-se, então, de *outra* natureza em relação àquela pesquisada pela ciência anterior ou experimentada na vida cotidiana. Outra decisão, outro encontro com as coisas. A natureza imaginada representa mudança radical: A mente é espaço ideal e, portanto, infinito, capaz de unificar numa mesma dinâmica a terra (devir) e os céus. Um espaço e um tempo infinitos (cf. lei da persistência de Newton) apenas fazem sentido na mente, ou seja, num lugar idealizado e “fora” de toda experiência sensível. Na mente não cabem objetos cotidianos, mas exclusivamente objetos ideais, matemáticos, como os “corpos”, dotados de propriedades homogêneas e quantificáveis como massa, volume, energia, velocidade, etc., e que são convertidos em definições científicas, representando propriedades físicas da natureza.

O que acontece na natureza é planejado, previsto, calculado e realizado segundo as possibilidades do projeto. Assim, “real é aquilo que pode ser medido (M. Planck)” e “só aquilo que é calculável vale como ente”⁵. Desta forma realiza-se a homogeneização ou planificação da natureza. Simplificando, a mente imagina como a natureza deve ser, elaborando um esquema que concentra seus esforços nas possibilidades quantitativas da natureza (e não qualitativas). Tais possibilidades inteligíveis – inapreensíveis pelos sentidos – podem ser descritas pelas matemáticas como quantidades passíveis de medição (régua e o relógio). Os fenômenos naturais detêm regularidades que podem ser medidas, anotadas,

⁵*Ibidem.*

partilhadas e repetidas ultrapassando e contrariando o que pode ser atestado ou não pelos sentidos. Estes e o pensamento sofrem, então, uma reeducação, aprendendo a ver como antes não viam. Tais regularidades dizem respeito a forças de atração e repulsão, volume, massa, energia, etc. e que independem das subjetividades. Nesse sentido, o conhecimento natural visa à aplicação na natureza sensível, com vistas ao controle e domínio dos fenômenos, de um plano prévio. Este é o projeto físico-matemático da natureza iniciado e em curso. O projeto *antecipa* o modo como a natureza deve ser e muito trabalha para sua efetivação. Ela, a natureza, deve se mostrar como um conjunto de forças submetidas e disponíveis mediante o cálculo. Caso um processo determinado de experimentação não atinja seus objetivos, o pesquisador elaborará nova hipótese até que, por fim, a natureza se encaixe no plano prévio. O alvo é ordenar a natureza sob esta nova medida imaginativa. É somente renunciando à natureza tal como nossos sentidos a percebem que obteremos sucesso⁶. Mas trata-se de renúncia árdua, nunca completamente realizada e, portanto, *em curso*, segundo a luz do projeto antecipador. O desenvolvimento deste projeto trouxe suas exigências: os pesquisadores iniciais se viram na obrigação de criar novos e previamente calculados instrumentos para suas pesquisas e novas maneiras de medir e calcular; aprimorar a própria linguagem capaz de expressar estas relações mentais ou racionais, de acumulá-las e disponibilizá-las para ulteriores usos. E, sobretudo, o esquecimento “metafísico” de quão problemática era esta relação porque, ao fim e ao cabo, os cálculos hauridos funcionavam.⁷ “Os técnicos, que hoje abrangem a avassaladora maioria de todos os ‘pesquisadores’, trouxeram à terra os resultados dos cientistas”⁸.

O projeto como intimação provocante

Quando o cientista cria instrumentos altamente sofisticados ele o faz a serviço do projeto. Comparando, ele *simula*, ou seja, diz como a natureza deve ser por meio das possibilidades do projeto. “A simulação é um tipo de caricatura: simplifica-se aquilo que se

⁶BECKER, O. *O pensamento matemático. Sua grandeza e seus limites*. São Paulo : Herder, 1965, p. 41.

⁷KOYRÉ, A. “O significado da síntese newtoniana”. In: Cohen, I.B.; Westfall, R.S. *Newton: textos, antecedentes, comentários*. Rio de Janeiro : EdUERJ/Contraponto, 2002, p. 53.

⁸ARENDT, H. A conquista do espaço e a estatura humana. In: *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 336. Cf.tb. KOYRÉ, A. “Do mundo do mais ou menos ao universo da precisão”. In: *Estudos de história do pensamento filosófico*. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1991, nota 14, p. 278.

imita e exageram-se alguns de seus aspectos”⁹. O telescópio, por exemplo, simula o olho. Mas não vê mais como o olho corporal. Principalmente porque o projeto – em seu afã de domínio e controle infinitos – precisa maximizar *algo do olho* em seu próprio interesse. Então, não é mais o olho corporal que vê, mas a razão que alcança o mais distante do espaço ou da matéria. Trata-se de homogeneização (e potencialização) do que pode ser visto, ouvido, etc., e do modo como se deve ver e ouvir. Como o percebemos, a referência que orienta nossa relação com a natureza modificou-se. Na esteira desta simulação da realidade temos a criação da linguagem binária ainda no século XVII (0/1, afirmativo/negativo, sim/não) e, alguns séculos mais tarde, sua aplicação na circulação de informações de toda ordem, já que ela se adapta melhor às máquinas e pode ser usada nas correntes elétricas e nas ondas de rádio. A possibilidade de simulação dos fenômenos alterou também a percepção humana. Fomos treinados a desconfiar de nossos sentidos. Os aparelhos que invadiram a vida social ampliaram a simulação: a máquina fotográfica, o telefone, os aparelhos televisivos, os computadores, *smartphones*, etc. Atender ao projeto significa simular a natureza (a sociedade e o indivíduo) e moldá-la segundo o projeto. Mas a simulação não é arbitrária, pois corresponde – em certa medida – a possibilidades da própria natureza confirmadas pela razão, como um recorte útil ou funcional. Do contrário não haveria correspondência entre o projeto e a natureza.

Neste sentido, a relação humana com a natureza (a sociedade e o indivíduo) mais se assemelha a monólogo do que a diálogo. Embora a natureza – enquanto mundo – sempre ofereça resistência, esta (a resistência) é interpretada como aquilo que o saber científico ainda não explica, mas, futuramente, explicará. É monólogo e não “conversa”, porque a alteridade da natureza é previamente compreendida como o que não é ou não deve ser, necessitando ser incorporada ao projeto. Por outro lado, uma conversa genuína teria outra estrutura: consideraria a resistência como condição imprescindível da convivência e do mundo. À medida que os sábios ensinaram os práticos a serem técnicos, houve nova ambientação e expansão da artificialidade organizada. Os indivíduos são demandados pelo projeto a criarem segundo as possibilidades da precisão inaugurada. As descobertas que inicialmente remetem ao âmbito das ciências da natureza remodelam ou geram novos

⁹FLUSSER, V. *A escrita. Há futuro para a escrita?*São Paulo : Annablume, 2010, 223.

objetos e produtos que afetam a sociedade e o indivíduo. Ora, onde está a linguagem da informação nisso tudo? Está na leitura da natureza, na construção de suas hipóteses, na fixação e divulgação de seus resultados, no desenvolvimento de procedimentos sociais e individuais passíveis de maior controle, na criação de aparelhos capazes de receber, acumular e ampliar a informação, na disponibilização crescente da informação e na compreensão crescente de que tudo, todo ente, é passível de ser informação disponível e acessível, a serviço do projeto. A informação não apenas molda uma nova sociedade, em relação a uma anterior, mas a sociedade se converte ou se interpreta ela mesma como informação. Quanto mais a linguagem sofre este condicionamento, mais ela se eleva à utilidade dominante. Com isso efetiva-se realidade homogênea, ou seja, uma natureza sempre a mesma. O projeto físico-matemático moderno não seria possível se a referência fosse o mundo do devir, da geração e da corrupção, da contínua mudança. A padronização dos sistemas de medida e da notação científica mostrou-se, de início, crucial para o desenvolvimento da ciência. Posteriormente os mesmos princípios foram aplicados ao domínio da sociedade e dos indivíduos com o objetivo de repetir seus sucessos em “objetos” um tanto distintos da “natureza física”, como a “vida biológica”, a sociedade e a individualidade. Mas o que vale é a ideia, a ideia de que é possível uma relação com o real de modo operativo, portanto, homogêneo e infinito.

Segundo Heidegger, precisamos fazer “a experiência daquilo que hoje *é*, daquilo que toca, ameaça e oprime a nossa existência (Dasein). Essa experiência é necessária” do contrário “permaneceremos obstinadamente fechados nas representações correntes da técnica e da língua”¹⁰. Fazer a experiência: dispor-se a um caminho e à possibilidade de uma transformação. As representações que nos dizem ser a técnica e a língua algo como instrumentos criados pelos seres humanos e à sua disposição não nos auxiliam numa compreensão suficiente do que está em jogo em nossa época. O projeto nasce da decisão criativa de seus agentes, ontem e hoje. Por outro lado, à medida que o método se afirma e desenvolve, tende a ocultar seu início e a considerar como evidentes todos os seus desdobramentos fundados na pesquisa e na linguagem que lhe pertence. Os esforços assim submetem-se ao projeto e o projeto fornece uma orientação de segurança ou a perspectiva

¹⁰HEIDEGGER, M. *Língua de tradição e língua técnica*, p. 8.

de uma vida controlável. Aquilo que hoje “é” remete a uma *ambiguidade* do fenômeno em questão, a uma aparência e a certo ocultamento. O projeto faz como que um recorte da natureza. Mas, que é isso que – talvez – tenha escapado ao recorte? A informação técnica – técnicas da informação – é sempre de ou sobre algo. Mas, que *algo* se mostra na informação? Aquilo que hoje “é” diz respeito ao elemento determinante em nosso tempo, que nos provoca, convoca, desafia, atinge e põe em risco nossa existência. Refere-se ao domínio técnico e científico como mentalidade ou tendência dominante para a concepção da realidade em seu valor ou sentido. A totalidade dos entes é convocada, mobilizada ou constrangida a mostrar-se, em escala crescente, como processos naturais e sociais, passíveis de determinação, fixação numa linguagem universal partilhada, e disponibilizada em tempo real para todos. Uma linguagem desta espécie *apenas aparentemente* amplia o diálogo com a natureza e a sociedade e leva mais longe a compreensão humana do mundo. Por outro lado, foi somente este conhecimento técnico-científico que nos fez ver, conhecer e viajar para o que antes nunca foi visto e conhecido.

O projeto impõe, como sua condição de possibilidade, a planificação ou uniformização de todos os caminhos. Vai-se mais longe à medida que se abdica de toda experiência singular ou vital; vai-se mais longe (como em avião a jato) à medida que se renuncia a toda experiência “natural” com as coisas; e, sobretudo, vai-se mais longe à medida que se desconsidera ou se suprime toda a distância. É sempre produtivo pensarmos no que se convencionou chamar de informações “em tempo real”. Nesta expressão encontramos o passado, o presente e o futuro acessíveis e disponíveis. O aperfeiçoamento dos aparelhos e sistemas apenas fortalece esta presentificação reprogramando seus agentes e etapas. Neste contexto, que poderia significar, então, a lonjura infinita e alcançada como possibilidade racional? Que significa “longe” diante de uma compreensão dominante que visa a supressão das distâncias? Trata-se da lonjura em que não se faz a experiência do distanciamento e da proximidade, isto é, onde o viajante (caminhante) não é transformado pelo percurso. Ele pode ser remodelado segundo as conveniências do projeto. Mas o percurso já foi grandemente e previamente antecipado pelas possibilidades do projeto, eximindo o ser humano de “quase” toda experiência tácita. A aventura moderna – e o domínio da informação como estrutura da realidade – assemelha-se ao caminho que fornece conforto, velocidade e superação das dificuldades. A homogeneização (e monólogo) nos

brinda com uma espécie de ampliação e superação de inumeráveis entraves à pesquisa e à vida por ela descoberta. Mas traz consigo, como um fenômeno colateral, uma restrição acerca da compreensão da vida ou da existência. A compreensão dominante, assim, sofre sedimentação característica. A linguagem tende a tornar-se informação e a exigir que esta se converta no modelo de linguagem. Com isso solidifica-se a ideia de que os mais radicais problemas com a realidade podem ser solucionados através do controle maior dos processos por meio do cálculo e da lógica. Segundo Guimarães Rosa, “a lógica, prezado amigo, é a força com a qual o homem algum dia haverá de se matar. Apenas superando a lógica é que se pode pensar com justiça”¹¹. O monólogo mostra a dificuldade crescente do ser humano não encontrar e não se deparar com algo que “não seja ele mesmo”, que não seja exteriorização do projeto.

Cada progresso da ciência nas últimas décadas, tão logo foi absorvido pela tecnologia e assim introduzido no mundo fatural em que vivemos nossas vidas cotidianas, trouxe consigo uma verdadeira avalanche de instrumentos fabulosos e maquinismos cada vez mais engenhosos. Tudo isso torna a cada dia mais improvável que o homem venha a encontrar no mundo ao seu redor algo que não seja artificial e que não seja, por conseguinte, ele mesmo em diferente disfarce.¹²

Será, então, que o projeto moderno e, nele, a linguagem técnica, promovem antes um apequenamento da existência humana, uma “autodiminuição” do ser humano?¹³ Algo como *o fim* do ser humano? No projeto moderno da natureza, “embora exista lugar para tudo, não há lugar para o homem.”¹⁴

A homogeneização de todas as distâncias levada a cabo, inicialmente pela física, estendeu-se aos poucos para todos os campos do saber desejosos de ser ciência. Esta homogeneização implicou na construção de uma linguagem comum. Tudo o que não pode ser explicado e disponibilizado pelo método tende a não ser considerado, a perder valor, a não fazer parte da equação. O projeto ou programa moderno tende para a planificação da realidade e, conseqüentemente, para a perda de sentido de outras relações que não se

¹¹ ROSA, João Guimarães – Entrevistado por Günter Lorenz: *‘Diálogo com Guimarães Rosa’*, Gênova, janeiro de 1965). <http://www.elfikurten.com.br/2011/01/dialogo-com-guimaraes-rosa-entrevista.html>.

¹² ARENDT, H. “A conquista do espaço e a estatura humana”. In: *Entre o passado e o futuro*, p. 341.

¹³ NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro*. N. 267. São Paulo : Companhia das letras, 1992, p. 182, n. 267.

¹⁴ KOYRÉ, A. “O significado da síntese newtoniana”. In: Cohen, I.B.; Westfall, R.S. *Newton: textos, antecedentes, comentários*, p. 100.

enquadram nessa medida. Com isso, abre-se o problema da visibilidade do projeto e da possibilidade de ser do que não é alcançado pelo projeto. Trata-se de conquistar *outra* distância. Um esforço desta ordem, por um lado, acolhe a sanha de nosso tempo no pensamento como um projeto possível de existência e, por outro, remete à história do ser, ampliando de modo inteiramente distinto a compreensão da realidade. O esforço de pensamento se mostra mais como um convite para colocarmo-nos à altura de nosso tempo sem sermos nele diluídos.

Intimação provocante e linguagem técnica

Podemos falar muito do estado atual em que se encontram ciência e técnica, do destaque de uma sobre a outra, de seu escoramento recíproco. Mas ainda não atingiremos “o seu coração”¹⁵. Seu coração está no seu comportamento, ou seja, na “intimação provocante”¹⁶. Pertence a esta intimação provocante a redução de todos os fenômenos a meios e fins antecipados pelo projeto. As maiores energias são direcionadas para os processos e, conseqüentemente, mantém intacto o sentido do programa dominante de nosso tempo. Heidegger destaca a interpretação da técnica como “meio”, tese esta que ultrapassa a discussão acerca da ciência ser técnica ou da técnica aliciar a própria ciência. O problema está na interpretação antropológica e instrumental¹⁷. No questionamento desta tese pensa-se a situação humana no mundo desde os primórdios. Pois bem, no predomínio da linguagem como informação acirra-se a tendência aos meios e obnubila-se toda a linguagem que não lhe corresponda.

Quando se aceita, antes de mais, nesta submissão ao inevitável, a concepção corrente da técnica, adere-se então nos fatos ao triunfo de um processo que se reduz *a preparar continuamente os meios*¹⁸ sem nunca se preocupar com uma determinação dos fins. (...) A representação fim-meio não atinge nada do que é próprio à técnica.¹⁹

O que é próprio à técnica e que não pode ser atingido segundo a representação de fim-meio? Está subentendido que o problema fundamental que aparece na informação

¹⁵HEIDEGGER, M. *Língua de tradição e língua técnica*, p. 26.

¹⁶*Ibidem*, p. 27.

¹⁷ Cf. tb. HEIDEGGER, M. “A questão da técnica”. In: *Ensaio e conferências*. Petrópolis : Vozes, 2001, p. 11 e 12.

¹⁸ Grifo nosso.

¹⁹HEIDEGGER, M. *Língua de tradição e língua técnica*, p. 28.

técnica não reside no fato da informação “passar” para um leitor algum conhecimento sobre determinado objeto. A questão se mostra no modo ou jeito do conhecimento (pesquisa, informação) subjacente, no modo como semelhante pré-compreensão íntima a natureza a mostrar-se. Não visualizaremos o elemento próprio da técnica focando a preparação contínua dos meios. Na noção de meio (e de processo) temos o esforço que nos exige de um questionamento essencial – e/ou libertador – acerca da realidade. À medida que explicitamos esta dificuldade é possível que a determinação dos fins, continuamente desconsiderada, chame a atenção de modo inteiramente distinto, isto é, não em seu aspecto processual passível de melhorias, mas enquanto *a que* se destina a empreitada da época. Algo como um meio pode e deve ser clarificado a partir de uma exposição do espírito moderno, aqui expresso como intimação provocante.

A tendência moderna realiza como *nenhuma outra técnica* anterior a confiança infinita nos meios sob o controle humanos. Existe a esperança de que o projeto possa realizar algo como um paraíso terrestre. Os problemas de ordem técnica ou funcional o atestam. A intimação provocante nos leva a este comportamento de desafiar continuamente a natureza a fornecer energia, etc., infinitamente, e ela mesma se mostrar essencialmente tão somente como disponibilidade ao processo. A afirmação destes meios “não significa mais que reconhecer uma força secreta no reino daquilo que hoje é”²⁰. Uma força que os aciona, que não se confunde com os meios e que, no exato momento de sua atuação, os ultrapassa exigindo seu contínuo aperfeiçoamento. “O próprio homem é intimado, é submetido à exigência de corresponder a esta exigência”²¹.

E, “por que é que justamente ela [a língua] se encontra exposta de uma maneira particular à exigência de dominação da técnica?”²²

Em sentido amplo porque habitamos na linguagem. Linguagem é vida. E a vida moderna acontece sob a égide do projeto e a língua que lhe corresponda. Em sentido restrito, porque a vida é sempre determinação, ou seja, recorte, intenção, interesse. Diante do projeto apresentação já um grande recorte, uma determinação fundamental que, por sua vez, é responsável por tantas outras que dela derivam e dependem desta imagem de mundo. O projeto, então, demanda a vida, à sua maneira e desde seus inícios na Europa do século

²⁰*Ibidem.*

²¹*Ibidem*, p.29.

²²*Ibidem.*

XVI. Mas não se serve da linguagem como qualquer outra ferramenta, porque ela fundamentalmente não o é, como o próprio projeto não está, ele mesmo, submetido à subjetividade. Da mesma maneira como o projeto e a técnica permanecem obscuros à medida que somente enfatizamos os meios, assim também a linguagem. Destacando-a como meio, processo, expressão de alguma interioridade, como sinal de algo que não se mostra, abdica-se de sua essência e de seu encontro como problema vital que nela está em jogo. Neste sentido, mesmo no rol dos meios e dos processos a linguagem possui seu destaque: todo exercício da vida humana está previamente atravessado pela linguagem e pelo pensamento, como plano ou ideia, como caminho de realização criadora, como o centro de onde brotam todas as coordenadas. Não há o aspecto executivo do projeto sem sua irrupção primeira no plano antecipador e gerador. De modo geral, esta observação vale tanto para o projeto moderno da natureza como para qualquer outro desde o presente de Prometeu. Ocorre que o plano moderno para a natureza e a vida em sua totalidade deve ter, como referência, o espaço da mente e seu modo próprio de construir o projeto. Deste se distingue, a título de exemplo, a ideia que orienta o escultor desde a escolha dos materiais até a finalização da obra. Igualmente a língua. Ideia, plano, projeto, língua, vida compõem unidade.

Atravessa o texto de Heidegger – *língua de tradição, língua técnica* – uma crítica ao utilitarismo, sobretudo na forma assumida pelo projeto moderno. O princípio da utilidade não capacita o pensamento a uma justa avaliação da vida e da existência devido à planificação da realidade levada a cabo. Da mesma maneira, quando pensamos na linguagem técnica, não é suficiente sua apreensão exata como meios para fins. Por certo, há acerto na interpretação comum e tradicional. Heidegger a chama de correta ou exata (mas não de “verdadeira”!). Tudo o que é técnico pode se mostrar como meio a serviço de certos fins, como ferramentas de trabalho, meios de transporte e de informação, etc. Esta percepção é tão exata que ultrapassa qualquer noção de grau que encontramos no desenvolvimento das técnicas. Diz Heidegger que não há, então, “diferença essencial entre a machada de pedra e a última produção da técnica moderna, o Telstar”²³. O filósofo tem consciência das diferentes técnicas. Mas convoca nosso pensamento a olhar o fenômeno do que hoje “é” sem nos perdermos em demasia nos processos. Esta interpretação nos permite

²³ *Ibidem*, p. 18.

colocar como secundárias as oposições tão comuns e didáticas entre ciência e técnica, técnica antiga/medieval e ciência moderna/contemporânea, técnica artesanal e técnica industrial, comportamentos sociais locais e comportamentos globalizados, etc. As diferenças de grau, extremamente úteis ao pesquisador, tornam-se secundárias diante de um problema fundamental, a compreensão dominante da técnica (e da linguagem técnica) *como meio* (meio de comunicação, de expressão, como ferramenta para atingir fins...). A ideia de meio – tão antiga quanto a existência humana – necessita ser avaliada a partir de outro ponto.

Com isso retornamos à língua técnica e ao modo como o projeto dela se apropria e elabora o plano antecipado da realidade, realidade programada. A língua sofre a intimação provocante do projeto e, ao mesmo tempo, o explicita e realiza. Neste sentido, o projeto é linguagem programada e, portanto, é pouco destacá-la como expressão de um plano prévio da natureza, já que ela torna possível este plano. Desde os inícios históricos do projeto a intuição da natureza visada concebe-a como escrita em linguagem geométrica. Não há, então, o momento do projeto como prévio e separado do momento da língua técnica que lhe condiz. À medida que o projeto renuncia à natureza sensível, está em jogo nele a existência em sua totalidade de outro modo. Altera-se, grosso modo, o modo de vida ou habitação humana. Por que tamanha vulnerabilidade da língua? Não será a língua tal como a vida pura entrega? A língua é constrangida a corresponder ao projeto e a ser continuamente antecipada como processo ou meio homogêneo a seu serviço. Toda outra possibilidade da linguagem – como recortes – sofre relativa exclusão e/ou apropriação para corresponder ao projeto. É o que podemos observar no comentário de Heidegger sobre a tradução e a afirmação de que um poema não se submete à linguagem técnica. “Mas, mesmo neste caso os objetivos da linguagem são, antecipadamente e por princípio, ligados à máquina, que exige sempre a univocidade dos sinais e da sua sucessão. É por isso que um poema, por princípio, não pode ser programado”²⁴. Consequentemente o ser humano se deseduca para o que não pertence essencialmente ao projeto. Mas, como já dito em algum lugar, o problema não está na constatação de que este seccionamento não deva ocorrer. Pois é a história de envio e desvio do ser. O problema reside na perda da distância ou de outra perspectiva para avaliar o que acontece aí, como já dito. A linguagem técnica a serviço do projeto somente

²⁴*Ibidem*, p.37.

alcança seus objetivos à medida que o dizer como mostrar sofre um afinamento e converte-se no fornecimento de sinais acerca de algo, de forma homogênea ou unívoca, apresentando alguma coisa (o projeto!) que, em si mesmo, não se mostra²⁵. Mas não é qualquer coisa que pode ser chamada de sinal. Faz-se necessário um arranjo ou arrumação prévia. “Não são produzidos e impostos como sinais *senão para que aquilo que devem significar à vez seja antecipadamente admitido*²⁶, seja dito”²⁷. Para estar a serviço desta antecipação, faz-se necessário a univocidade (homogeneidade) que, desta maneira, constrange o devir à propriedade de ser sempre o mesmo. O que, em princípio, não pode ser pensado desta maneira, ou apropriado, transmitido, ensinado, etc., não atende ao projeto: um poema, um grito, uma conversa, o silêncio, a oração, a narrativa, etc., escapam em sua dinâmica própria à univocidade da linguagem técnica. Não podem ser reduzidos a informação ou, quando o são, sofrem planificação característica.

Para que uma tal espécie de informação se torne possível cada sinal deve ser definido de maneira unívoca; da mesma maneira cada conjunto de sinais deve significar de maneira unívoca um enunciado determinado. *O único caráter da língua que permanece na informação é a forma abstrata da escrita, que é transcrita nas fórmulas de uma álgebra lógica*²⁸. A univocidade dos sinais e das fórmulas, que é necessariamente exigida por isso, assegura a possibilidade de uma comunicação certa e rápida.²⁹

Não deixa de ser altamente sedutora a possibilidade de termos acesso a toda espécie de informação em tempo real. Facilmente, então, nos perdemos em sua interpretação. Em geral, lemos estas informações segundo possibilidades cotidianas. Embora sejam caminhos de leitura a serem considerados, não alcançam o sentido da informação ou da linguagem técnica. Não alcançam o sentido da linguagem em nenhum grau. Pois buscar o sentido é trabalho de outra espécie: demanda um dizer que torna visível a coisa em questão. Quando um objeto de uso converte-se em “corpo” (ciência da física) ele participa da univocidade aludida. Quando uma notícia aparece nos telejornais ela tanto pressupõe esta compreensão de linguagem técnica para ser produzida e veiculada pelos aparelhos, quanto leva ao ouvinte a determinação interessada ou ideológica. A vida vai sendo aplainada! Ora, o

²⁵ *Ibidem*, p. 35.

²⁶ Grifo nosso!

²⁷ *Ibidem*.

²⁸ Grifo nosso!

²⁹ *Ibidem*, p. 36.

conhecimento físico acerca dos corpos apenas pode ser produzido, ensinado, transmitido, aperfeiçoado, servindo-se da única linguagem que se mantém e que serve para estes fins, a forma abstrata da escrita, a álgebra lógica, sinais e fórmulas, geometria. Esta mesma ideia *facilitadora* é apropriada pelos diversos aparelhos sociais que constroem como que um mundo idealizado e, à medida do possível, unívoco. Projeto em curso. Uma linguagem em sintonia com outra concepção de vida e/ou de natureza tende à desconsideração.

Na intimação provocante, a natureza é forçada e exigida a mostrar-se como fonte de energia e de recursos. O ser humano é provocado a constranger a natureza e a si próprio. A experiência desta intimação é de tal ordem que ultrapassa a possibilidade de que o homem possa interrompê-la. Pertence a este processo o esforço em todas as áreas de aperfeiçoamento dos meios a fim de que a intimação se realize de maneira sempre mais ampla e apurada. Ora, a fim de corresponder ao projeto, a linguagem sofre um direcionamento específico. De tal forma que na língua está em jogo a humanidade do homem.

A língua não é um simples instrumento de troca e de comunicação. Ora, é precisamente esta concepção corrente da língua que se vê não somente avivada pelo fato da dominação da técnica moderna, mas reforçada e levada exclusivamente ao extremo. Ela reduz-se à proposição: a língua é informação.³⁰

Língua não é meio, não é ferramenta, não é expressão, não é instrumento de comunicação e troca de informações. Mas o projeto moderno de exploração demanda a própria língua, junto com o ser humano que nela habita, para tornarem-se meio e/ou informação a serviço do projeto.

Como visto, o enfoque nos meios mantém oculta a essência da técnica e, desta maneira, o ser humano não se torna livre para a experiência técnica. Carece de distância. O destaque da linguagem como meio e expressão, como processo a serviço do projeto, mantém oculta e não tematizada tanto o projeto quanto a linguagem. O acento nos meios e nos processos converte a funcionalidade em “finalidade” deixando na obscuridade tanto o *para quê* que nos remete ao projeto quanto, sobretudo, o sentido ou o ser do projeto. Um *para quê* último que nos pede compreensão diferenciada, já que acena para o aspecto ou

³⁰*Ibidem*, p. 32 e 33.

condição imaginativa da existência humana: um ser lançado para a obrigação de seu próprio ser. Segundo Heidegger, técnica significa *episteme*, “velar³¹ sobre uma coisa, compreendê-la”³². “Conhecer-se em qualquer coisa, mais precisamente no fato de produzir qualquer coisa”³³. A técnica, antes de ser meio para fins sob o controle humano, é sua situação fática. Já estamos como que lançados num mundo de sentido com suas exigências próprias. Já nascemos conjuntamente – co-nhecemos – desta maneira. Não há, ontologicamente, ser humano prévio ao projeto de ser. Segundo Heidegger, conhecer é conhecer-se: “tornar manifesto o que é dado como presente” (Idem, p. 21). Assim, técnica não significa tanto “fabricar, manipular e operar”, mas produzir, *herstellen*, “fazendo vir para aqui, para o manifesto, aquilo que anteriormente não era dado como presente”³⁴. Técnica refere-se primariamente ao conhecer e ao saber, como um mundo possível e aberto, do que ao fazer, no sentido de fabricar alguma coisa. Dá-se atenção, assim, ao âmbito ou à situação humana de ser “técnico”, como herança da *paradoxal* amizade de Prometeu. Vejamos algo do sucesso da linguagem técnica.

A linguagem técnica (os meios) como fundamento da realidade

Heidegger chamou a atenção para o momento em que a língua técnica, ou seja, as ciências da informação assumiram a tarefa que, tradicionalmente, pertenceu à filosofia, por exemplo, no texto *O fim da filosofia e a tarefa do pensamento*. Nele o filósofo nos diz que o papel que coube à filosofia, de determinar o ente em seu ser, foi transferido para as ciências em geral e, nelas, para as ciências da informação – a cibernética – como o saber básico, operativo e condutor de toda determinação do ente. Os conceitos de base de cada ciência particular são interpretados, a partir deste momento, como hipóteses de trabalho, a serem continuamente postas à prova e atualizadas segundo o desenvolvimento infinito do projeto moderno de domínio e controle da natureza. A cibernética unificou toda compreensão da realidade natural, social e individual. De que maneira? Não se interessando mais pelas causas e princípios (filosofia) e sim *pelos meios para sua execução* a serviço do projeto ou programa da modernidade. Como já apresentado, o método suplanta a realidade.

³¹ Grifo nosso!

³² *Ibidem*, p. 21.

³³ *Ibidem*.

³⁴ *Ibidem*, p. 22.

O plano mental-racional antecede e organiza toda a sua execução experimental. Portanto, o resultado desejado e *correto* será aquele que corresponda e atenda ao projeto. A realidade em sua totalidade é chamada a converter-se em informação, isto é, linguagem que coerentemente esteja a serviço do projeto e permita troca e aprimoramento do projeto. Não é o conteúdo da informação como alguma mensagem determinada, restrita a algum interesse de determinada ordem, o que está em causa. Mas é a possibilidade de sua disponibilização, ou seja, seu caráter operativo. Neste contexto, a oposição entre um plano de realidade (restrito às experiências sensíveis, por exemplo) e outro de virtualidade (restrito às experiências on-line e nas redes, por exemplo) se mostra sem sentido. O virtual – o programa ou projeto moderno – converteu-se em realidade, à medida que serve como referência de base e orientação para *a construção de outra realidade*. Aquilo que chamávamos de realidade natural transformou-se no empecilho a ser superado pelo método. Então, a partir das teorias da informação, os caminhos virtuais convertem-se na realidade a ser posta em causa.

Pois ela [teorias da informação, cibernética] é a teoria que permite o controle de todo planejamento possível e de toda organização do trabalho humano. *A cibernética transforma a linguagem num meio de troca de mensagens*³⁵. As artes tornam-se instrumentos controlados e controladores da informação.³⁶

Problematizar as teorias da informação possui algo da atualidade da filosofia, isto é, de mostrar o fundo sobre o qual organizamos há muito nossa existência. “Ela [a filosofia] encontrou seu lugar no caráter científico com que a humanidade se realiza na práxis social. O caráter específico desta cientificidade é de natureza cibernética, quer dizer técnica”³⁷. O vínculo entre a ideia de informação e de cibernética e a de ciência tal como a modernidade a cultivou mostra-se não apenas na dependência histórica. Mostra-se, sobretudo, no plano da funcionalidade. A informação leva a cabo o projeto moderno de controle e asseguramento da natureza não apenas em suas possibilidades práticas de maximização de todos os processos, mas como estrutura básica. A realidade do projeto – sua idealização –

³⁵ Grifo nosso!

³⁶ HEIDEGGER, M. “O fim da filosofia e a tarefa do pensamento”. In: *Conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 72.

³⁷ *Ibidem*, p. 72 e 73.

encontra seu apogeu na desconsideração de todo elemento empírico e sua conversão em plano teórico ou ideal, retiradas todas as resistências, deixando a realidade idealizada à disposição do projeto. Funcionalidade e eficiência corroboram o projeto. A linguagem informacional é linguagem técnica, uma técnica operativa, mental, ocupada com os processos de planejamento com vistas à execução. O que quer que chamemos de finalidade é acionado, retornando informações para seu ponto de origem. Dessa maneira o processo sofre ajustes e aperfeiçoamentos. Como o interesse não está mais, por exemplo, na execução de algo nascido da prática artesanal, o estatuto de realidade (de valor) modifica-se. O funcional ou informacional é o real. É o que vale. As técnicas de fabricação hodiernas são precedidas por um planejamento calculador, ou seja, por uma orientação antecipada da produção. Esta não será fruto do exercício e do conhecimento tácito de seus agentes (artesanato), mas do plano antecipado e calculado que *assegure os fins pelo controle acirrado dos meios*, ou seja, a realização decantada do projeto. Um novo conhecimento tácito é demandado. A autoridade do agente criador (artesanato) contida em sua maestria, é suplantada. As resistências que, por sua vez, tinham responsabilidade na obra, adquirem novo sentido. Agora, convertem-se no estágio *ainda não* dominado pelo projeto, mas previamente admitido em seu horizonte. A ideia de fim – no sentido de realização – tornou-se obsoleta.

O projeto produz *seus dilemas*: Como imagem, estamos diante da possibilidade de uma simultaneidade e acessibilidade instantâneas a toda a realidade no computador, por assim dizer. Por outro lado, estamos – enquanto seres humanos – diante de um plano de referências que essencialmente muito se esforça *contra* a vida humana e toda a vida até então experimentada. O sucesso do projeto traz em seu bojo certo fracasso do ser humano. Foi preciso, afinal, que outra instância – a mente, a razão – fosse elevada como modelo para a vida humana e, por extensão, para toda concepção de vida até então. O projeto cartesiano de conceber o ser humano como “senhor e mestre da natureza” efetiva-se. Mas isso ao custo de um posicionamento contra a natureza e, paradoxalmente, contra si mesmo como um ente desta mesma natureza. O programa da vida mostra-se como uma reforma da natureza – idealizada – ainda. Junta-se a isso não apenas uma ideia acerca do que o projeto moderno compreende como “natureza” mas também como “ser humano”. O ser pensante converteu-se em presa de seu próprio projeto. Seu destino é o mesmo da natureza. Podemos

ouvir o lamento de Zaratustra: “Estais vos tornando cada vez menores, gente pequena! Estais vos esborcinando, amigos do bem-estar. Ainda acabareis por perecer”³⁸. Quem lamenta é também condenado como “ímpio”, pois fala a partir de outro lugar que não compactua com o bem-estar que apequena os seres humanos. Este outro lugar nos oferece também outro caminho (método) para nos educarmos: “Eu sou Zaratustra, o ímpio. Cozinho na *minha* panela todo e qualquer acaso; e somente quando está bem cozido, dou-lhes as boas-vindas como meu alimento”³⁹. O que está dito, em nosso contexto, é que o projeto em curso “cozinha” a vida em outra panela e não na panela do homem futuro. A bem dizer, o projeto muito se esforça para “não cozinhar”. Neste cozimento inadequado o ser humano é despotencializado, desaprende a cozinhar, a tornar algo de “seu” e de próprio.

Os meios de troca de mensagens – a fala do cientista, o registro físico-matemático, a informação codificada e decodificada via aparelhos típica de nosso mundo informacional – nos passam uma mensagem invisível: na informação estamos lidando com a linguagem técnica em sentido mais abrangente e decisivo do que qualquer gramática. Trata-se, antes, de uma gramática da realidade em sua totalidade. Que significa isso? Não paramos de falar e de nos expressar de diversas maneiras, não cessamos de escrever em livros ou blogs ou e-mails, não cessamos de interpretar textos e agora imagens, não cessamos de pesquisar os mais diversos objetos e conhecê-los, isto é, enquadrá-los nos esquemas da razão. E nesse trabalho ininterrupto persiste ainda a resistência dos objetos, interpretada como trabalho a ser realizado em prol do projeto. Vemos, então, que a referência de fundo mudou. A verdade (exatidão) de uma informação não se localiza em seu estado atual, mas na possibilidade de ser acionada de modo universal. À teoria clássica como conhecimento das causas sucedeu uma teoria técnica, como “categorias [provisórias] a que se reconhece apenas uma função cibernética”⁴⁰. Para estas, o que vale é a condução prévia e programada da realidade. Inadvertidamente, toda linguagem é chamada a participar deste estado de coisas, o que não significa que o sentido da linguagem se esgote desta maneira. Mas devemos reconhecer que o domínio da linguagem como informação tende a enfraquecer e

³⁸NIETZSCHE, F. “Da virtude amesquinhadora, n. 3”. In: *Assim falou Zaratustra. Um livro para todos e para ninguém*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, p. 178 e 179.

³⁹*Ibidem*, p. 178.

⁴⁰HEIDEGGER, M. “O fim da filosofia e a tarefa do pensamento”. In: *Conferências e escritos filosóficos*, p.73.

desqualificar toda outra linguagem em certa proporcionalidade com a realização do projeto. Mesmo que tamanha pretensão nunca se realize de modo absoluto, seu esquematismo impõe planificação e estreitamento de sua compreensão, a exemplo da notação científica exigida pelo projeto e que acabou por extrapolar este âmbito. As ciências da informação tornaram-se a base de todo saber reunindo, desta maneira, a realidade em unidade de sentido antes desconhecida.

Considerações finais

Nosso objetivo foi o de expor o projeto moderno e, nele, a informação técnica segundo algumas referências teóricas da filosofia. Insistimos sobre algumas abordagens com o fito de cultivar a possibilidade de um questionamento que liberte para o pensamento as questões pela linguagem, pela ciência e técnica, pelo ser humano, ou seja, pela realidade. Será que alcançamos um mínimo desta inquietação? Será que sentimos, criativamente, alguma ausência no império da ciência e da técnica e da linguagem técnica? Será que o vazio insinuado poderá um dia se converter em algo como uma bússola da reflexão?

O que foi apresentado como estrutura do projeto remete ao predomínio do exato e do lógico. Mas, faria sentido nos perguntarmos pelo verdadeiro? O fenômeno do verdadeiro não se mostrou como, por exemplo, determinado enunciado coerente que atende a certos pressupostos ou a algo evidente e certo para toda a gente. Se assim o fosse, equivaleria ao correto. O verdadeiro remete ao termo grego *alétheia*, traduzido como des-ocultamento, des-encobrimento, des-velamento. Remete à experiência pré-científica da realidade que, em seu exercício de ser (sendo), deixa ser, des-oculta, traz à tona possibilidades que podem ser enunciadas, categorizadas, calculadas ou algo diverso de tudo isso, para então e *simultaneamente*, ocultar-se e resguardar-se. Algo vem a ser para, então, submeter-se a alguma forma de medição. Mas não pertence à lógica o encontro possível a irrupção da realidade. Visualizamos uma região cujas sendas são experimentadas por um saber ou pensamento que o cálculo não alcança e que, por outro lado, lança sobre o cálculo uma luz distinta e compreensiva. No império da razão funcional buscamos a segurança vazia de uma possibilidade que quer tudo explicar e eliminar todo o imprevisto, como se tal perigo não pertencesse à própria vida.

Inserimos o tema da linguagem técnica numa compreensão mais ampla da realidade e da vida humanas. Somente assim alcançamos um horizonte de sentido capaz de mostrar seu poder e sua falência. Diante da linguagem técnica e sua univocidade o que acontece com *outras formas* de linguagem? Apresentamos o problema, mas não enveredamos pela perspectiva do silêncio, da conversa, da poesia, entre tantas outras. Ocupamo-nos, por assim dizer, do deserto da linguagem que muito se ocupa em produzir desertos. Investimos como que na possibilidade do projeto tropeçar em sua própria sanha e nos dar notícias de suas intenções. Mas somente atingimos esta descrição tendo como pano de fundo uma compreensão não unívoca da linguagem, desta como “levar uma coisa a aparecer”. Desta maneira pensamos ter alcançado algum ponto significativo acerca da existência da linguagem técnica e produzido algum desconforto capaz de nos reposicionar no pensamento filosófico, ou seja, dilatar nossas pupilas pensantes. O enfoque nos meios e nos processos não é capaz disto. Partimos, então, desta nossa situação presente, sob o domínio da técnica, onde uma compreensão de mundo e de ser humano são forjadas. Nossa atenção – embora focada na modernidade – não desconsiderou a situação humana no mundo de interpretar o fenômeno da técnica como meios a serviço de certos fins humanos. O decisivo, nos parece, é a condição humana de em seu ser, ter de construir seu próprio ser. O enfoque nos meios nos desvia da experiência primeira da realidade, em seu aspecto inventivo ou imaginativo, deixando obscuro o fenômeno e criando uma má-consciência com a estrutura de retração e/ou de resistência do mundo. Na modernidade fazemos a experiência da situação humana, tão antiga quanto nova. Quando pensamos, por exemplo, nos meios como o conjunto dos materiais e ferramentas para fabricar um sapato, encontramos o mundo empírico e artesanal, criador de objetos tangíveis e circunscritos a um saber tácito característico. Mas o sapato ele mesmo é algo de outro. A combinação destes meios para a realização de algo – uma iluminação – exige uma compreensão não funcional, ou seja, uma atenção para o que o criador nunca domina por completo e que pode sempre surpreendê-lo. Quando pensamos nas empresas e instalações hodiernas, com suas máquinas, processos produtivos sofisticados e funcionários especializados, outro mundo de sentido clama por exposição. Ele não se esgota em determinado fim – como um foguete ou alguma máquina de ressonância magnética – que será em breve remodelado e ultrapassado segundo o afã do progresso técnico. Mas o foguete ele mesmo, por exemplo, é

também algo de outro que não se explica simplesmente pelos meios. A sobrecarga nos meios não convida ou retira o pensamento da consideração adequada do que hoje “é”. No objeto reside uma promessa e uma aposta nada evidentes. Igualmente uma fábrica ou alfinete. Cada etapa alcançada coloca-se a serviço do projeto calculador moderno sendo, ele mesmo, invisível pela perspectiva dos meios e processos.

Desta forma o projeto pode ser pensado como o destino de uma época.

O verdadeiro, então, não remete ao correto, àquilo que domina e é evidente para todos, mas ao princípio, ao começo. Sob o domínio dos meios de toda ordem o verdadeiro se retrai, é desvirtuado e encoberto. O que fica sem explicação, quando tudo se mostra como racional ou explicável? Uma compreensão arcaica de vida e de existência que resiste e segue sem explicação, in-certa, in-determinada, in-controlada, acaso. Ele é da ordem do sentido e, portanto, abarca o correto em outro patamar. Refere-se à dinâmica de manifestação onde, em desvelando, algo de oculto se apresenta sem desaparecer em sua possibilidade de retração, mistério e encantamento. À medida que a linguagem como informação técnica atende ao projeto, ela mesma não tem condições de desvelar este mesmo projeto. Se o *saber* passar por cima desta experiência fundamental ele se esquivará de uma relação essencial com a técnica e com a linguagem técnica.

Concluimos com um poema de Carlos Drummond de Andrade.

Ausência. Por muito tempo achei que ausência é falta./ E lastimava, ignorante, a falta / Hoje não a lastimo./ Não há falta na ausência./ A ausência é um estar em mim / E sinto-a, branca, tão apegada, aconchegada nos meus braços, / que rio e danço e invento exclamações alegres, / porque a ausência, essa ausência assimilada, / ninguém a rouba mais de mim”⁴¹

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2007.

ARENDDT, H. A conquista do espaço e a estatura humana. In: *Entre o passado e o futuro*. São Paulo : Perspectiva, 2007.

⁴¹ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2007, p. 1236.

- BECKER, O. *O pensamento matemático. Sua grandeza e seus limites*. São Paulo : Herder, 1965.
- FLUSSER, V. *A escrita. Há futuro para a escrita?* São Paulo : Annablume, 2010.
- HEIDEGGER, M. *Língua de tradição e língua técnica*. Lisboa : Vega, 1995.
- HEIDEGGER, M. “O fim da filosofia e a tarefa do pensamento”. In: *Conferências e escritos filosóficos*. São Paulo : Abril Cultural, 1983.
- HEIDEGGER, M. “A questão da técnica”. In: *Ensaio e conferências*. Petrópolis : Vozes, 2001.
- KOYRÉ, A. “As origens da ciência moderna: uma nova interpretação”. In: *Estudos de Histórica do Pensamento Científico*. Rio de Janeiro : Forense, 2011.
- KOYRÉ, A. “O significado da síntese newtoniana”. In: Cohen, I.B.; Westfall, R.S. *Newton: textos, antecedentes, comentários*. Rio de Janeiro : EdUERJ/Contraponto, 2002.
- KOYRÉ, A. “Do mundo do mais ou menos ao universo da precisão”. In: *Estudos de história do pensamento filosófico*. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1991, nota 14.
- NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro*. N. 267. São Paulo : Companhia das letras, 1992.
- NIETZSCHE, F. “Da virtude amesquinhadora, n. 3”. In: *Assim falou Zaratustra. Um livro para todos e para ninguém*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1981.
- ORTEGA Y GASSET, J. *Meditação sobre a técnica*. Rio de Janeiro : Instituto Liberal, 1991.
- ROSA, João Guimarães – Entrevistado por Günter Lorenz: ‘Diálogo com Guimarães Rosa’, Gênova, janeiro de 1965. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2011/01/dialogo-com-guimaraes-rosa-entrevista.html>. Acesso em julho de 2022.

Recebido em: janeiro de 2022.
Aprovado em: março de 2022.